

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

A MISSÃO DA IGREJA E A IDEOLOGIA DO SUCESSO: UMA ANÁLISE DAS ENGRENAGENS TECNICISTAS PARA O CRESCIMENTO DA IGREJA

Ma. Clarice Ebert

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

A MISSÃO DA IGREJA E A IDEOLOGIA DO SUCESSO: UMA ANÁLISE DAS EN- GRENAGENS TECNICISTAS PARA O CRESCIMENTO DA IGREJA

The church mission and the ideology of success: an analysis of technician gears for church growth

Ma. Clarice Ebert¹

¹ Mestre em Teologia pela FABAPAR, na linha de pesquisa Organização e Cuidado Pastoral. Psicóloga pela UFPR e Especialista em Terapia Familiar pela FLT. Professora do programa Lato Sensu em Terapia Familiar Sistêmica e em Aconselhamento Pastoral Familiar da Faculdade Luterana de Teologia. Docente de EIRENE do Brasil e Palestrante do Ministério Vida Melhor. Psicóloga Clínica e Terapeuta Familiar no Instituto Phileo de Psicologia. E-mail: claricebert@gmail.com.

RESUMO

A ideologia do sucesso requer atuações de liderança arrojada, empreendedora, visionária e orientada para o sucesso, para uma produtividade focada em resultados que se evidenciam em estatísticas numéricas. Para o desenvolvimento de uma liderança com essas características, o mercado religioso profissional oferece uma variedade de fórmulas para se alcançar um ministério pastoral de sucesso. O presente artigo tem como objetivo analisar algumas dessas fórmulas que se configuram em engrenagens tecnicistas para o crescimento da igreja. A relevância do estudo se mostra pela ambivalência dos resultados, em que o crescimento numérico nem sempre ocorre na mesma proporção que o crescimento espiritual da igreja ao desempenhar a sua missão.

Palavras-chaves: Missão da Igreja. Ideologia do sucesso. Crescimento da igreja.

ABSTRACT

The ideology of success requires bold, entrepreneurial, visionary, and success-oriented leadership for results-focused productivity that are evidenced in numerical statistics. For the development of leadership with these characteristics, the professional religious market offers a variety of formulas to achieve a successful pastoral ministry. The present article has as objective to analyze some of these formulas that are configured in technicians gears for the growth of the church. The relevance of the study is shown by the ambivalence of results, where numerical growth does not always occur in the same proportion as the spiritual growth of the church in fulfilling its mission.

Keywords: Mission of the Church. Ideology of success. Growth of the Church.

INTRODUÇÃO

O crescimento numérico da igreja pode ser o resultado da mobilização de pessoas dispostas e disponíveis ao engajamento na prévia missão redentora de Deus, por meio de seus dons, talentos e vocações. A unidade dos envolvidos, em torno do objetivo evangelístico e transformador da sociedade, confere para a igreja em missão um funcionamento de organismo, que na interdependência de seus membros promove ações em cooperação, fraternidade e solidariedade. No entanto, o crescimento numérico da igreja pode ocorrer também via outras estratégias. O resultado na vida dos novos adeptos sinalizará se apenas foram arrebanhados ao rol de membros ou se realmente foram alcançados para uma vivência cristã autêntica.

Segundo o teólogo Goheen (2014) para uma igreja ser missional é necessário que desenvolva uma compreensão adequada do papel para o qual foi chamado a desempenhar e de sua missão como igreja, caso contrário facilmente se tornará passível ao amoldamento da cultura dominante. O mercado religioso é uma das fortes evidências da cultura dominante. Por meio dele se estabelece a ideologia do sucesso, que requer atuações de liderança arrojada, empreendedora, visionária e orientada para o sucesso, para uma produtividade focada em resultados que se evidenciam em estatísticas numéricas. Para o desenvolvimento de uma liderança com as prerrogativas da ideologia do sucesso, o mercado religioso profissional oferece uma variedade de fórmulas para se alcançar um ministério pastoral de sucesso.

O presente artigo tem como objetivo analisar algumas dessas fórmulas que se configuram em engrenagens tecnicistas para o crescimento da igreja. A relevância do estudo se mostra pela ambivalência dos resultados, em que o crescimento numérico nem sempre ocorre na mesma proporção que o crescimento espiritual da igreja, ao desempenhar a sua missão.

Diante da variedade de igrejas em suas diferentes orientações denominacionais, em suas práticas não uniformes, em que expressam ideologias e teologias diferenciadas, se faz necessário esclarecer que o termo “igreja”, utilizado no título do artigo e ao longo do texto, diz respeito ao contexto eclesiástico de forma genérica, sem dar a conotação de que seria uma igreja específica.

A fundamentação teórica se deu especialmente a partir dos teólogos Whright (2012), Goheen (2014), Peterson (2016), Vanhoozer (2016), e Comiskey (2017), bem como de outros autores que se debruçaram anteriormente sobre a temática em pauta.

Os tópicos principais do artigo abordarão: a missão da igreja cristã e a ideologia do sucesso; as engrenagens tecnicistas para o crescimento da igreja.

1. A MISSÃO DA IGREJA CRISTÃ E A IDEOLOGIA DO SUCESSO

156

A missão da igreja, para Whright, procede da prévia missão de Deus, e afirma que “o próprio Deus tem uma missão”, que tem como propósito chamar à existência de um povo para participar com ele dessa missão.² O autor explica que a pluralidade, referida usualmente pela palavra missões, seria a imensa gama de atividades em que o povo de Deus pode se engajar, participando da singularidade, da única grande missão de Deus. Assim sendo, não há nenhuma missão mais relevante do que a outra, pois todas estão atreladas a uma mesma missão. Por essa ótica, segundo Whright (2012), apesar de nem todas as missões serem missões evangelísticas transculturais, tudo é missão e tudo o que um cristão ou uma igreja cristã é, diz e faz deve ser missionário, numa única missão consciente, ou seja, na missão de Deus. O alvo é o mundo inteiro, incluindo toda a sua criação, numa mobilização da igreja, tanto no tempo como no espaço,

² WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 31.

indo até os confins da terra e continuar a fazê-lo até o fim dos tempos. O mundo inteiro não se refere apenas a uma questão geográfica, mas também ecológica, econômica, social e política.

Goheen (2014), corrobora com o pensamento de Whright (2012), ampliando a compreensão ao afirmar que, o que descreve melhor a igreja não é a palavra missão, em que teria esta ou aquela atividade específica em seu contexto geográfico, mas seria o termo missional, que amplia a percepção de missão, pois descreve a própria essência e identidade da igreja, evocando o seu papel como agente participativo da história e missão redentora de Deus no contexto do mundo.

A história da missão de Deus no mundo tem um traçado específico, em que as principais seções da história bíblica dão um panorama dos eventos basilares das ações da missão de Deus ao longo dos dois testamentos bíblicos (Antigo e Novo), que são apresentadas didaticamente por Whright (2012), no que destaca: (a) *A criação* - nela está a origem dos valores e princípios fundamentais da relação do homem com Deus e de sua missão no mundo; (b) *A queda* - conduziu às maldições da terra, à perversidade humana e também a Satanás; (c) *A redenção na história* - desde o Antigo Testamento percebe-se a abrangência do propósito redentor planejado por Deus. No Novo Testamento surge a encarnação, na qual Deus vem para a humanidade, a chama para encarnar o reino de Deus e a ser agente por meio de Cristo. A cruz e a ressurreição capacitam o povo de Deus a experimentar e a compartilhar o poder da reconciliação, do amor, da esperança e da paz, e a buscar a obra expiatória e redentora de Deus, mesmo nas situações difíceis. O Espírito Santo na igreja providencia a direção e o poder para a espera das mudanças reais na vida das pessoas e na sociedade; e (d) *A nova criação* - a esperança futura da nova criação confere valor e dignidade a tudo quanto se faz no presente, sendo que o trabalho do Senhor não será em vão. Pela forma revelada do futuro, a esperança modela as respostas no presente.

Dessa forma, pode-se perceber que o traçado da história bíblica pontua a intenção de Deus de ter um povo comprometido com a sua missão redentora. No entanto, Goheen (2014) refere que ao longo da história a perspectiva da igreja, numa verdadeira identidade e papel como povo de Deus, foi sofrendo drásticas alterações, especialmente após o advento do Iluminismo. Infelizmente, a igreja foi se sujeitando à cultura em seu entorno, aceitando um papel marginal nas sociedades e, de certa forma, foi assumindo uma cosmovisão secular enraizada no Iluminismo. A igreja segue, a partir de então, influenciada pela história cultural e de consumo. O autor alerta que, quando a igreja assume um papel designado para ela dentro de uma cultura de consumo e aceita ser moldada por essa história cultural, ela se torna mera vendedora de bens e serviços religiosos.

Goheen (2014) menciona algumas imagens da igreja que refletem os legados da cristandade, do iluminismo e do consumismo, nas quais a igreja seria como: (a) *um shopping center ou praça de alimentação* (assim como oferecem uma variedade de bens de consumo e inúmeras opções para agradar seus clientes, a igreja oferece uma variedade de programas, buscando suprir as necessidades religiosas da congregação); (b) *um centro comunitário* (nesse modelo, a igreja se torna em um centro para suprir as necessidades sociais de seus membros); (c) *uma empresa* (organizada para comercializar as mercadorias religiosas que podem oferecer. Da mesma forma como nas empresas, igrejas nesse modelo, são racionalmente organizadas para o crescimento, lucro e marketing eficazes de seus produtos; e os líderes, os pastores, são orientados ao sucesso e não ao cuidado pastoral e à liderança missional); (d) *um teatro* (nesse modelo as pessoas são convidadas a se sentar e desfrutar passivamente de diversos tipos de entretenimentos, incluindo até mesmo os cultos, que podem parecer com oportunidades de entretenimento, em que se confunde unção do Espírito com animação de auditório); *uma sala de aula* (numa estrutura voltada para o consumo de conhecimen-

to, o estudo bíblico e ensino pode ser um dos itens de consumo que a igreja tem a oferecer); (e) *um hospital ou spa* (a igreja como um lugar de cura e rejuvenescimento); (f) *um seminário motivacional* (como pacotes de autoajuda, não faltam eventos motivacionais para ajudar a melhorar vários aspectos da vida desde dicas de como ser melhores pais ou como aprimorar o casamento); (g) *um posto de assistência social* (a igreja no exercício da misericórdia diaconal na sua vizinhança, similarmente ao braço de assistência social do governo que existe para cuidar dos fracos, necessitados e pobres); (h) *uma sede de campanha ou grupo de amparo* (assume um papel de justiça política, econômica ou social, numa pressão para que haja uma sociedade mais cristã).³

Evidentemente há muitas atividades válidas representadas nessas imagens da igreja. No entanto, Goheen alerta que “o problema surge quando a história bíblica e a natureza da igreja são esquecidas; então essas atividades são moldadas por uma história diferente e perdem seu formato eclesial autêntico”.⁴

Para Goheen o livro de Atos oferece um retrato da igreja missional e destaca quatro de suas características importantes: (1) a vida institucional do povo de Deus como essencial para a igreja missional, que é nutrida pelo exercício dos dons na vivência conjunta em comunidade. A igreja deve ter uma face voltada para dentro e outra para fora; (2) a vida em comunidade na igreja manifesta a vinda do reino, na medida em que o povo de Deus se posiciona contra a idolatria cultural e pratica uma vida radical de devoção de uns aos outros; (3) essa comunidade tem uma tarefa no mundo, que é ser uma igreja evangelizadora que proclama as boas novas apontando para Cristo; e (4) a missão dessa comunidade escatológica vai até os confins da terra, em que sua missão não fica limitada ao contexto local, mas que, re-

³ GOHEEN, M. W. A igreja missional na Bíblia: luz para as nações. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 34-35.

⁴ GOHEEN, 2014, p. 35.

vigorada internamente segue para além de seu contexto.⁵

César refere que o povo de Deus traz em sua natureza o chamado, sendo “separado, eleito e designado para proclamar as boas novas”, e, por isso, “não tem que ficar esperando um chamado extra especial, uma sarça que arde sem se consumir”.⁶ O autor destaca o texto de 1 Pedro 2.9-10 para fundamentar bíblicamente essa realidade para a missão da igreja: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus [...]”.⁷ A missão comum, de anunciar as grandezas de Deus, se torna possível pela expressividade da diversidade dos dons de todos aqueles que, de uma forma ou outra servem a Deus, à igreja e ao próximo, podendo ser apóstolos, diáconos, presbíteros, pastores, mestres, evangelistas, trabalhadores e profissionais nas mais variadas profissões.⁸

160

A vocação pastoral perpassa por um chamado específico, que direciona o entendimento de suas funções. Para Peterson, o pastor vocacionado é “[...] a pessoa responsável na comunidade por ajudar homens e mulheres a viverem a fé de maneira sadia e verdadeira nas circunstâncias em que se encontram”.⁹ O autor explica que essa tarefa inclui: (a) tratar as pessoas com muita dignidade (não as explorar por uma causa religiosa); (b) lidar com o presente com muito realismo (não negar a dor ou evitar as dificuldades); (c) apresentar o Evangelho com muita imaginação (não o reduzir a dicas de como passar o dia).

Para Peterson (2006), um ministério com prerrogativas de um tipo de cristianismo aculturado está cada vez mais difícil, especialmente quando a propaganda e o entretenimento dão

⁵ GOHEEN, 2014, p. 237.

⁶ CÉSAR, K. M. L. *Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas*. Viçosa: Ultimato, 1997, p. 18.

⁷ NVI, 2007, p. 1602.

⁸ CÉSAR, 2006.

⁹ PETERSON, E. *A vocação espiritual do pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 134.

os modelos principais da adoração, pregação e ensino cristão. Dessa forma, a acomodação à cultura é mais importante que o sacrifício pela verdade. Peterson conclui que “Para milhões de pessoas, a diversão é muito mais atraente que a santidade”.¹⁰

A santidade, por sua vez, reporta para uma espiritualidade. Para um exercício pastoral nutrido pela energia do Espírito Santo, a espiritualidade perpassa por uma ascese, que envolve uma caminhada de crescimento espiritual em oração, meditação, contemplação, louvor e adoração. Segundo Fischer, seria o reconhecimento de que “[...] a centralidade da vida humana somente pode se dar na medida em que se reconhece que esta se vai fazendo na relação com Deus, o criador, e nas relações interpessoais pautadas pelos princípios da reconciliação e do respeito”.¹¹ No entanto, Peterson emite um alerta, ao afirmar que as condições nas quais os pastores trabalham “são perigosas e decididamente adversas para a santidade pessoal e vocacional”,¹² pois a vocação pastoral e sua dinâmica sofre influências institucionais, congregacionais e do próprio ego, que são inevitáveis e poderosas. Esse aspecto sinaliza a realidade pastoral, também, num contexto institucional permeado das intencionalidades da ideologia do sucesso, que nem sempre estão afinadas com as prerrogativas da missão da igreja.

Na ideologia do sucesso não há espaço para o fracasso e se estabelece exigências de atuações de liderança arrojada, empreendedora, visionária e orientada para o sucesso, para uma produtividade focada em resultados que se evidenciam em estatísticas numéricas. Para o desenvolvimento de uma liderança com essas características, segundo Vanhoozer (2006), o mercado religioso profissional oferece uma variedade de fórmulas para se alcançar um ministério pastoral de sucesso, com as prerro-

¹⁰ PETERSON, 2006, p. 133.

¹¹ FISCHER, G. J. A crise contemporânea da ascese moral e o descenso ético do pensamento protestante. In: SOUZA, J. N.; SOUZA, E. S. (Org.). Teologia e ética no cuidado pastoral. Curitiba: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2017, p. 23.

¹² PETERSON, 2006, p. 77.

gativas da ideologia do sucesso. O autor destaca que dentre os ídolos do presente tempo estariam os “modelos de sucesso” condicionados pela cultura e que, infelizmente, alcançaram e continuam alcançando espaço na igreja.

2. ENGRENAGENS TECNICISTAS PARA O CRESCIMENTO DA IGREJA

No contexto das transformações sociais e a diversidade do mercado religioso, os vocacionados envolvidos com a missão cristã, enfrentam inúmeras exigências similares ao mundo produtivo não religioso. Segundo Silva (2004) se destacam a exigência de cada vez maior produtividade, ganhar um maior número de fiéis e treiná-los para o envolvimento, com vistas ao retorno produtivo para a instituição religiosa. Para o autor, além da produtividade, as exigências norteiam especialmente a excelência, a polivalência do líder, adequação à demanda (como as novas teologias, tecnologias e horários de culto), maior qualificação do líder, aumento da qualidade do produto, incluindo a preocupação quanto à promoção de cultos atrativos. Silva (2004), em sua pesquisa sobre o trabalho pastoral, percebeu que, assim como nas organizações não eclesiais, há nas organizações religiosas cristãs uma busca por resultados, que se estabelecem por meio da competitividade, ritmo acelerado, altas exigências de seus líderes, forte cobrança por resultados, uma busca por afirmação e crescimento organizacionais. Essas características se relacionam com as afirmações de Berger (1985) sobre a guerra no mercado religioso. Para ele, nessa guerra o fundamental é o desenvolvimento da competitividade e que só permanecem os aptos para o combate, ou seja, quem suporta as exigências de desempenhos sempre superiores, na expectativa da produtividade, de disponibilidade, de disciplina e de abnegação. Aparentemente é uma guerra sã, como afirma Dejours (2001), ou seja, pela saúde da organização, buscando elevá-la ao auge do desenvolvimento e

crescimento. Porém, reconhece-se aos poucos que nessa batalha há mais vencidos do que vencedores.¹³

Segundo Goheen (2014), pastores não deveriam ser contratados por igrejas para serem executivos da fé, empreendedores, estrategistas corporativos, vendedores de bens e serviços religiosos, nem motivadores de autoajuda ou assistentes sociais. O autor destaca que as igrejas locais, para conseguirem colocar em prática sua tarefa missional no mundo, precisam no mínimo de três coisas: (1) líderes que têm a visão missional, a encararem e prepararem outros para seguirem na mesma perspectiva; (2) famílias que treinem a geração seguinte a serem fiéis na visão missional da igreja; (3) pequenos grupos como instrumentos nas diversas dimensões da tarefa da igreja. E por mais que pastores ocupem os cargos de liderança da igreja, Goheen alerta que “é impossível para um pastor desenvolver e implementar essa visão para uma igreja missional sozinho”.¹⁴

Esse alerta direciona para a referência bíblica de que a igreja deve funcionar como um organismo vivo, um corpo bem ajustado, em que as partes são interdependentes e cada uma atua de acordo com seus dons no desempenho de sua função, conforme menciona o texto bíblico:

¹⁵[...] Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. ¹⁶Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função (NVI, Ef 4.15-16).

Comiskey (2017) explica que no contexto neotestamentário a norma não é o fortalecimento do individualismo, que tende ao afastamento das pessoas, pois é voltado para a dinâmica de grupo, do uns aos outros, num processo de interdependência e reciprocidade no aperfeiçoamento dos cristãos. O autor enfati-

¹³ DEJOURS, C. A banalização da injustiça social. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

¹⁴ GOHEEN, 2014, p. 261.

za especialmente a necessidade da implementação do ministério de células, que, no entanto, deve estar afinado com a ordem clara de Jesus de fazer discípulos que fazem discípulos. Ainda alerta que “o porquê” do ministério de células contribuirá para a definição da prioridade de uma motivação apropriada para o crescimento da igreja.¹⁵ Caso um líder, ao implementar o ministério de células, não souber desse fato, poderá facilmente cair em alguma armadilha em seguir modelos de outros, achando que encontrou a técnica que produzirá o crescimento, podendo se frustrar profundamente. O autor explica que a multiplicação não deve ser um fim em si mesmo, mas quando discípulos são formados e desenvolvidos em um ambiente de cuidado e amor, a multiplicação se mostra como um resultado natural.

Para Comiskey (2017) o sistema de células oferece um contexto maravilhoso para que os membros cumpram com a visão de Deus para a vida deles (ser discípulos) e para avançar em seu ministério (fazer discípulos), que está unido a um todo maior. Como na metáfora de um corpo biológico, as células não traçam o seu próprio curso, mas desempenham sua função para a vida e a saúde do corpo. Similarmente, todos os crentes estão inseridos como discípulos na dinâmica da igreja. O autor refere que o treinamento dos discípulos deve ser simples, com passos práticos e treinos aprofundados na medida em que avançam, sem fixações em metodologias únicas, buscando por adaptações e aperfeiçoamentos contínuos. Ainda afirma que o treinamento de futuros líderes e novas equipes é indispensável para um ministério no qual o pastor quer concentrar-se em fazedores de discípulos, que, então, pastorearão a multidão.

No entanto, apesar de Comiskey (2017) fazer um alerta em relação ao uso de metodologias tecnicistas, defende enfática e equivocadamente o método de *coaching* como estratégia principal para o treinamento de liderança. Inclusive afirma que

¹⁵ COMISKEY, Joel. Fazer discípulos na Igreja do século 21. Curitiba: MIC, 2017, p. 19.

o *coaching* deve ser o papel principal do pastor titular, que os supervisores de células devem ser *coaches* e que é importante que cada líder novo tenha um *coach* que ore por ele, o visite e o sirva. O que seria o *coaching*?

O *coaching* é uma atividade de formação pessoal em que um instrutor (*coach*) ajuda o seu cliente (*coachee*) a evoluir em alguma área específica da sua vida. Pode contribuir para processos de redefinição de carreira ou para aprimorar a percepção de uma área da vida, como por exemplo, a área financeira, corporal, de organização, de liderança, entre outras. Nasceu no ambiente corporativo com a ideia de cuidar de executivos em crise por problemas de carreira e com pressões excessivas no seu cotidiano. Dessa forma, compreende-se que o *coaching* pode até ser útil para essas intervenções específicas, no entanto, não aplicável para o exercício pastoral, pois difere substancialmente das atividades que envolvem a prática poimênica.

A prática poimênica diz respeito ao cuidado pastoral. Schneider-Harpprecht define a poimênica como “[...] o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja [...]”.¹⁶ Dessa forma, a tarefa poimênica busca promover, na comunidade, uma rede de apoio no sentido bíblico, que envolve o cuidado de uns aos outros, solidificando na prática o mandamento do amor a Deus e ao próximo.

As tarefas poimênicas exercidas em relações de interdependência e reciprocidade na comunidade cristã, como por exemplo a oração, visitação, capelania, serviço, pastoreio e discipulado, não pertencem ao bojo de atividades do *coaching*. Portanto, o *coaching* não seria uma estratégia apropriada para treinamento e supervisão de liderança para o crescimento da igreja. Com as atuações do *coaching* como estilo de liderança, substituindo as

¹⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). Teologia prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal / ASTE, 1998, p. 291.

atuações da prática poimênica, o principal sentido para a missão da igreja, que seria fazer discípulos que fazem discípulos, poderá ficar comprometido. Através dessa estratégia facilmente se promove a motivação inapropriada da multiplicação e do crescimento mais rápido da igreja. Além do mais, utilizar a atividade do *coaching* para tratar de questões espirituais e do sentido da vida, bem como de questões de saúde mental, é exercício antiético, sendo que as ferramentas do *coaching* não são satisfatórias para esse alcance. A igreja possui ferramentas para treinamento de liderança que são próprias e que, apesar de assemelhadas em algumas características das atividades do *coaching*, são substancialmente diferenciadas em suas intervenções.

Comiskey, defensor do *coaching* ministerial, conta que no início da jornada de células se concentrava nas perguntas “como fazer” e “o quê fazer”, e que posteriormente foi percebendo que essas perguntas não alcançam “o porquê” que está por trás do fazer. Concluiu em seus estudos que sem “o porquê”, ou seja, sem o sentido do que se faz, os líderes desanimam, perdem a alegria e o entusiasmo de liderar ou supervisionar células, e muitas vezes desistem de tudo.¹⁷ No entanto, apesar dessa percepção e alerta, o autor retoma e mantém a função do *coaching* como a principal estratégia de liderança para o sistema de células e o crescimento da igreja. Dessa forma, parece ter caído em contradição, pois tentando ajustar a visão do sistema de células para uma visão bíblica, resgatando o sentido de “fazer discípulos que fazem discípulos”, recaiu na manutenção da mesma estratégia de outrora. Talvez não seja suficiente ajustar “o porquê” do que se faz como igreja, de forma intencional e objetiva, pois para que os resultados sejam diferentes e o crescimento da igreja se afine com as Escrituras sobre o funcionamento dinâmico e interpessoal da igreja, é necessário também fazer ajustes nas estratégias do “o quê” e do “como” se faz.

¹⁷ COMISKEY, 2017, p. 18.

Igrejas precisam de pastores e líderes que pastoreiem vidas e não *coaches* que instruem e norteiem ao sucesso da multiplicação. O autor até enfatiza que a multiplicação não deve ser o fim em si mesmo, mas sim deve ser o resultado de discípulos fazendo outros discípulos. No entanto, as ferramentas do *coaching* dificilmente alcançam o trabalho de transformação de pessoas ao ponto de se tornarem discípulos comprometidos com o fazer discípulos. Podem até convencer as pessoas a abraçarem uma causa com a qual se identificam, mas não garante uma transformação interna que os conecta com o sentido de proclamar o evangelho da salvação de Cristo. Para isso, as pessoas precisam de pastoreio e não de *coaching*. Isso não quer dizer que o *coaching* não seja relevante. Obviamente tem proposições que contribuem para pessoas conquistarem seus objetivos de vida, especialmente no que diz respeito aos seus objetivos pessoais e às suas carreias profissionais. No entanto, apresenta limitações quando se trata de transformar vidas pelo evangelho de Cristo. Pastores ao abandonarem a tarefa poimênica, adotando as estratégias de *coaching* para desenvolver a liderança em contexto eclesial, possivelmente promoverão lacunas nas atividades de pastoreio na vida da igreja. É bem provável que igrejas cresçam em número, por meio das estratégias de *coaching*, pois suas proposições favorecem esse aspecto de forma intencional e objetiva. No entanto, não garante que os novos adeptos sejam discípulos de Cristo em profundidade. E a sua reprodução pode não ser o de “fazer outros discípulos”, mas apenas de “arrebatar seguidores” de uma ideologia de sucesso ou de um amparo grupal e social. O que, por sua vez, dificilmente transformará a essência espiritual ao ponto de haver evidências do fruto do Espírito Santo atuando na vida das pessoas e na dinâmica interdependente em reciprocidade da igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Igrejas institucionais, que se mostram dinâmicas e em franco crescimento numérico são possíveis, mas não significa que o crescimento espiritual ocorra na mesma proporção. Considerando que é extremamente tênue a linha que define a objetividade de crescimento da igreja, do real “fazer discípulos que fazem discípulos”, se faz necessário que não se perca de vista que o discípulo em questão deve ser um discípulo de Cristo, e não de engrenagens tecnicistas e estratégias objetivas direcionadas para o crescimento da igreja. O crescimento numérico pode ocorrer nos dois processos, tanto por meio de engrenagens tecnicistas, como pelo exercício da poimênica, porém haverá uma sensível diferença nos resultados essenciais de transformação interna na vida das pessoas. No processo que foca essencialmente no crescimento numérico por meio de engrenagens tecnicistas, facilmente as pessoas se esgotam na caminhada, perdendo a alma e o sentido do que fazem, levando muitos a desistirem. No entanto, ser um discípulo que se empenha em fazer discípulos, realizando estratégias poimênicas, potencializa o alcance de resultados efetivos de transformação, de si mesmo e de outros que entendem a mensagem transformadora do evangelho de Cristo.

Elaborar ações coletivas promotoras da cooperação e solidariedade, construídas num espaço de fala assertiva e escuta respeitosa e amorosa sinaliza um resgate da vivência do verdadeiro sentido de ser igreja, como um organismo vivo, numa visão holística, em que cada membro significativamente faz parte na composição do todo e da missão da igreja. Não é o tanto pelo que se faz, pelo dom que se tem, pelo tamanho da obra que se constrói, ou mesmo por quanto sofrimento se é capaz de suportar sem quebrar. Para vivenciar o sentido de ser igreja será necessário retornar à essência do que dá sentido ao que se faz.

As Escrituras¹⁸ sinalizam a importância do primeiro amor, como a preciosidade máxima, que jamais deveria ser abandonado. O retorno ao primeiro amor desmonta as engrenagens tecnicistas para o crescimento da igreja e promove o verdadeiro sentido que move um discípulo a fazer outros discípulos.

REFERÊNCIAS

COMISKEY, Joel. **Fazer discípulos na Igreja do século 21**. Curitiba: MIC, 2017.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA SAGRADA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Vida, 2007.

CÉSAR, K. M. L. **Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas**. Viçosa: Ultimato, 1997.

DAVIES, G. A. Perspectivas pastorais: o drama da pregação. In: VANHOOZER, K.; STRACHAN, O. **O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia sistemática: uma análise histórica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

¹⁸ Ao anjo da igreja em Éfeso escreva: Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro. Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos, mas não são, e descobriu que eles eram impostores. Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome, e não tem desfalecido. Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor” (NVI, Ap 2.1-4).

FISCHER, G. J. A crise contemporânea da ascese moral e o descenso ético do pensamento protestante. In: SOUZA, J. N.; SOUZA, E. S. (Org.). **Teologia e ética no cuidado pastoral**. Curitiba: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2017.

GOHEEN, M. W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PETERSON, E. **A vocação espiritual do pastor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

ROJAS, E. **O homem moderno**. São Paulo: Mandarim, 1996.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal / ASTE, 1998.

SILVA, R. R. **Profissão pastor: prazer e sofrimento**. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais. 190 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, 2004.

VANHOOZER, K. J.; STRACHAN, O. **O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

